

CIGARRA, A

Revista ilustrada de variedades fundada em 1914 na cidade de São Paulo e extinta em 1975.

A *Cigarra* surgiu em um contexto no qual uma grande diversidade de periódicos circulava pela cidade de São Paulo, constituindo-se como referência da vida cultural de diferentes grupos sociais. Como revista de variedades, *A Cigarra* refletiu uma estreita relação entre as transformações ocorridas nas primeiras décadas do século XX e a própria modernidade vivida pela cidade de São Paulo naquele momento.

Lançada em 30 de março de 1914 sob o comando do editor-proprietário Gelásio Pimenta, ricamente colorida e com periodicidade quinzenal, a revista trazia colunas de crônica, artes e artistas, vida social, cartas, poesia, instantâneos, esportes e crítica literária. Os reclames e as fotografias também tinham bastante espaço no periódico. As matérias abordavam assuntos relativos à cidade de São Paulo, e também notícias de outras cidades brasileiras e de outros países, com prioridade para temas de grande repercussão. Essa variedade temática sem hierarquias tinha como objetivo abarcar o maior número de leitores possível. Em 1917, por exemplo, *A Cigarra* era a revista de maior circulação do estado de São Paulo.

A estrutura da revista contava capa ilustrada e colorida, seguida de uma seção de reclames e da crônica de abertura na página seguinte. Depois, vinham o expediente e páginas seguidas onde se misturavam e dialogavam fotografias, ilustrações, literatura, notícias e reportagens, crônica social e demais matérias, sem uma ordem muito sistemática e que variava de número para número.

A historiadora Márcia Padilha chamou a atenção para a presença em *A Cigarra* de um discurso triunfalista em tom superlativo, ancorado na idéia de progresso e no processo de modernização pelo qual passava a cidade de São Paulo. O periódico, desse modo, teria definido um perfil editorial de acordo com os valores da elite paulistana à frente dessa modernização. Outra historiadora, Dulcília Buitoni, destacou o caráter feminino do projeto editorial de *A Cigarra*, evidente em seu temário e na existência de um espaço exclusivo dedicado às mulheres. Esse perfil feminino também transparecia nos próprios anúncios publicados. Assim, Buitoni classificou *A Cigarra* no âmbito da chamada “imprensa feminina”.

Combinando leveza na abordagem dos assuntos e elegância na ilustração, *A Cigarra* deu espaço tanto à linguagem formal de acordo com os padrões literários

dominantes da época, como a uma linguagem mais descontraída, como destacou Hivana Matos. Percebe-se que a revista investia em várias estratégias para ampliar o seu público leitor e suas vendas.

Assim como outras revistas importantes do gênero lançadas no início do século XX, *A Cigarra* afirmou sua isenção diante das questões políticas, o que seria mais uma estratégia destinada a conquistar leitores de perfis variadas. Entretanto, conforme observação de Hivana Matos, é possível identificar claramente matérias que revelavam simpatia pelo governo e demonstrações de patriotismo, o que evidencia o comprometimento do periódico com as questões políticas do seu tempo.

De todo modo, a manutenção de um perfil editorial efêmero e eclético e de um refinado padrão de impressão garantiu a *A Cigarra* o triunfo inicial e uma longevidade incomum na imprensa ilustrada do início do século XX, já que permaneceu em circulação por seis décadas.

Carolina Vianna Dantas

Fontes: BUITONI, D. *Imprensa*; MARTINS, A. *Revistas*; MATOS, H. *Revista*; PADILHA, M. *Cidade*; SODRÉ, N. *História da Imprensa*.